

## IDENTIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO:

diálogos com estudantes da educação de jovens e adultos no município de Bragança-PA

José Dias Santana\*

Adriano Vasconcelos dos Santos\*\*

Norma Cristina Vieira\*\*\*

**Resumo:** Propõe-se discutir as questões de gênero com os jovens da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola de nível médio, no município de Bragança/PA. Objetivou-se investigar a compreensão dos/das estudantes sobre o conceito de gênero e seus desdobramentos. Utilizou-se aqui o método qualitativo, os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários a 21 estudantes, conversas e apresentação de filmes também foram desenvolvidas no intuito de estimular as narrativas e a socialização dos lugares de gênero na qual os/as estudantes estão submetidos. Perceberam-se discursos naturalizados sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, em nossa sociedade e ainda a reprodução de papéis pensados para os dois gêneros. Os resultados desta pesquisa apontam para a emergente necessidade de discutir questões relacionadas às relações de gênero de forma aberta, aprofundada e interdisciplinar na universidade e nas escolas da Educação Básica.

**Palavras-Chave:** Gênero. Jovens. Educação.

## IDENTITY AND GENDER RELATIONS:

dialogueswithstudentsofyouthandadulteducation in thecityof Bragança-PA

**Abstract:** It is proposed to discuss gender issues with young people from young and Adult Education (EJA) in a secondary school in the city of Bragança / PA. The objective was to investigate the students' understanding of the concept of gender and its consequences. The qualitative method was used here, the data were collected from the application of questionnaires to 21 students, conversations and film were also developed in order to stimulate the narratives and the socialization of the places of gender in which the students are submitted. Was noticed naturalized speeches about what it is to be a man what it is to be a woman, in our society, and the reproduction of roles designed for both gender. The result of this research point to the emerging need to discuss its related to gender relations openly, deep and interdisciplinary in the university and in the school of Basic Education.

**Keywords:** Gender. Young. Education.

Submissão 14-11-2018 Aceite 26-01-2019

## INTRODUÇÃO

São evidentes as diferenças entre os gêneros, seja no trabalho, na política, e nas decisões do lar. Crescemos ouvindo como devemos andar, vestir, falar, brincar, o comporta-se socialmente, obedecendo às regras, às cores para meninos e para meninas, por exemplo, “menino pode ficar sem camisa, mas menina não pode”. Saffioti (1987, p. 25) corrobora ao dizer que “o homem será considerado *macho* na medida em que for

---

\* Pedagogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-PPLSA, Universidade Federal do Pará-UFGPA, *Campus* Bragança. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Estudos de Educação Socioambiental (GUEAM).

\*\* Licenciado em Letras, Universidade Federal do Pará- UFGPA- *Campus* de Bragança.

\*\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-PPLSA, UFGPA-*Campus* Bragança. Pesquisadora do Grupo de Estudos Socioambiental Costeiro (ESAC). Coordenadora do Grupo de Estudos de Educação Socioambiental (GUEAM).

capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos. A educação de um *verdadeiro macho* inclui necessariamente a famosa ordem: ‘Homem (com H maiúsculo) não chora.’”Ouve-se expressões como esta na família, na comunidade, na escola, nas igrejas.

São inúmeros os exemplos que demonstram, em grande medida, a dicotomia entre homens e mulheres, “a mulher deve fidelidade, dedicação e obediência ao marido, sendo uma boa esposa, mãe e dona de casa e o homem deve exercer a autoridade e ser o provedor do lar” (SILVA, 2015, p. 53) e reforçam a representatividade do que é ser homem e o que é ser mulher, bem como os lugares estruturantes de gênero.

A visão de representação do masculino e do feminino, ou seja, o que se entende, por *ser homem* e *ser mulher* está atrelado a um conjunto de fatores culturais determinantes, dentre eles às atividades de trabalho e às relações de poder. Covolan e Oliveira (2015, p. 16) afirmam que:

A divisão sexual do trabalho, assim como a construção social de homens e mulheres, passou a acompanhar as suas necessidades. Aos homens foram delegadas as atividades produtivas, voltadas para o mercado de trabalho e de produtos e às mulheres caberiam as atividades reprodutivas, voltadas aos cuidados da prole e ao trabalho doméstico.

Para Hirata e Kergoat (2007, p. 596) a divisão sexual do trabalho estuda “A distribuição diferencial de homens e de mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos”

Neste sentido as atividades realizadas pelas mulheres no espaço doméstico, de modo geral, são tidas como obrigação, pois a elas é essencializada a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa, ainda que ela possua um trabalho remunerado. Saffioti (1987, p. 8) afirma que “a socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua sendo responsável pela tarefa”, ainda em situação em que a mulher não possui trabalho remunerado fora do lar e dedica-se exclusivamente aos cuidados da casa e dos filhos/filhas, tais atividades não são tidas culturalmente como trabalho, mas como obrigação.

Vieira; Siqueira; Di Paolo (2014, p. 13) ao pesquisarem os lugares de gênero na Amazônia Oriental chamam atenção para a domesticidade, ou seja, “as tarefas domésticas são tidas como responsabilidade da mulher, seu encargo primordial. Sendo

estas atividades naturalizadas enquanto obrigação da mulher, elas não são reconhecidas como trabalho e tampouco as mulheres são reconhecidas enquanto trabalhadoras”

Saffioti (1987) reafirma que as atividades domésticas realizadas por homens não são também suas responsabilidades, entende-se neste caso uma “ajuda” às mulheres dentro do lar, culturalmente o cuidar e o doméstico são tidos como de responsabilidades delas. Essa questão embora pareça atualmente compreendida e teoricamente desgastada, ainda é uma realidade presente em muitas sociedades, sobretudo na Amazônia.

As relações de gênero estão ligadas às questões de poder, aqui entendido como dominação do homem sobre a mulher, ou seja, a valorização do masculino comparado ao feminino. Para Silva (2015, p. 58) “o poder que permeia as relações de gênero é atribuído ao masculino pelo ideário social que difunde a prerrogativa de que aquele detém a força física e, logo, o poder e a autoridade sobre o feminino” as relações de poder estão também relacionadas à força, à subordinação, ao controle e à violência.

Propõe-se neste artigo apresentar os resultados do projeto de extensão<sup>1</sup> realizado com Adultos e Jovens estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA consiste em uma modalidade de ensino regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) que na Seção V, em seu Art. 37º apresenta a EJA como modalidade destinada aos sujeitos que por variadas circunstâncias não puderam acompanhar o processo escolar do ensino regular na idade certa, na educação básica ou por dificuldades outras no sistema regular de ensino. Sujeitos que para Trentin (2017, p. 2) “trazem em seu percurso formativo as marcas da exclusão social, [...] que buscam, no acesso à educação, meios de dar continuidade ao desenvolvimento humano e social”.

O percurso escolar dos sujeitos da EJA por diversas razões não lhes proporcionou continuar no ensino regular. De acordo com Narvaz; Sant’anna; Tesseler (2013) um dos motivos para o abandono da escola é a dificuldade socioeconômica de conciliar trabalho e estudo, sobretudo para os homens. Para as mulheres as dificuldades sustentam-se, em grande medida, em conciliar os estudos com as tarefas domésticas e familiares, sobretudo, após o casamento e a gravidez.

As autoras destacam ainda o crescente aumento de matrículas de jovens entre 15 e 19 anos, que para Escoura (2014, p. 33) “faz parte de um contexto nacional que se costumou chamar ‘juvenização da EJA’ ”. Para este grupo, jovens e adultos do interior da Amazônia Oriental, na qual desenvolvemos atividades voltadas para o debate de

---

<sup>1</sup> Relações de Gênero e Educação: diálogos com os jovens da Educação de Jovens e Adultos no município de Bragança-PA.

gênero, surgiu o questionamento: Quais as representações sociais de gênero que os/as alunos/as da EJA possuem? Levamos em consideração que “Gênero é definido como uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 10).

De acordo com a pesquisa de Narvaz; Sant’anna; Tesseler (2013) os lugares de gênero são estruturantes e apontam como resultado primordial que os meninos assumem a responsabilidade de provedores do lar e buscam trabalho que lhes possibilitem condições para sustentar a família e as meninas são educadas, em boa medida, para exercerem as tarefas domésticas, no lar, mesmo estudando e se preparando para o mercado de trabalho. Sobre isso Saffioti (1987, p. 9) afirma que “a sociedade investe muito na *naturalização* deste processo”.

O objetivo principal deste trabalho é visibilizar a compreensão social de gênero dos alunos e das alunas da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Mâncio Ribeiro, em Bragança/PA. Esta pesquisa surge a partir do projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Estudos de Educação Socioambiental (GUEAM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus Bragança*.

## METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de análise de questionários com perguntas semiestruturadas aplicados aos alunos e as alunas da EJA, com idade entre 15 a 25 anos, do turno da noite, matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Mâncio Ribeiro, em Bragança, estado do Pará, Amazônia Oriental, Brasil.

Antecedendo as atividades na escola foi realizado um ciclo de debates sobre Educação, Gênero e Meio Ambiente no *Campus* Universitário de Bragança-UFPA.

Concomitante ao trabalho de extensão acadêmica, financiado pelo edital (PROEX Nº 01/2016 – UFPA), no período de março de 2016 a fevereiro de 2017, aconteceu a coleta de dados. 21 (vinte e um) alunos/as participaram da pesquisa, destes, 8 (oito) mulheres e 11 (onze) homens, 2 (dois) informantes não responderam seu gênero.

FIGURA 1 – Diálogo com os jovens da EJA. Escola Estadual Mons. Amâncio, em Bragança, 2016. Fonte: Arquivo pessoal.



Durante a coleta de dados ocorreram diálogos e debates com os alunos e as alunas sobre equidade de gênero, violência, gênero e educação, gênero e cultura. Estas atividades foram realizadas, preferencialmente, com uso de imagens e filmes do gênero.

Objetivou-se visibilizar, a partir do diálogo, quais os entendimentos dos/das alunos/as referentes às questões de gênero. A priori, foram feitas algumas perguntas abertas para que os mesmos expressassem seus entendimentos sobre o tema da pesquisa, mas percebendo o não entendimento dos alunos e das alunas, partimos para as explicações dos conceitos básicos que transversalizavam o debate principal.

#### EXTENSÃO E PESQUISA: I CICLO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

Esta etapa do projeto de extensão surgiu com a efetivação de debates sobre as relações de gênero, sobretudo, a partir do interesse dos acadêmicos da Universidade Federal do Pará, *campus* Bragança. Os encontros do I Ciclo de formação em Educação, Gênero e Meio Ambiente foram abertos a todos e a todas, porque se entendeu que havia o desejo pelo estudo e aprofundamento sobre as relações de gênero e seus desdobramentos.

Consideramos essa atividade na academia como uma ação importante em Bragança-PA, pois propiciou a participação de estudantes de diferentes cursos, não se

restringindo a um curso ou a um grupo de estudos em específico. Vale ressaltar que grande parte dos cursos do *campus* Bragança são de licenciatura e pouco tratam sobre questões de gênero.

O Ciclo de formação para os acadêmicos ocorreu no *Campus*, em três etapas, na qual foram discutidos: sexualidade, feminismo, machismo, homofobia, violência de gênero e sua relação com a educação. Dividido em três encontros com carga horária total de 20h (vinte horas), o debate de gênero possibilitou esclarecimentos aos acadêmicos de diversas áreas (Pedagogia, História, Biologia, Matemática, Engenharia de Pesca, Ciências Naturais) que outrora pouco conheciam assuntos relacionados às questões de gênero. Há grande necessidade de discussões do tipo sociocultural não apenas na escola, mas também nos espaços acadêmicos.

A importância das discussões acerca das questões de gênero na formação inicial de professores/as torna-se necessária, afinal, na escola estão também presentes as questões de gênero. Este debate não pode ser tratado pela escola de forma pontual e limitado, haja vista que a temática em questão apresenta-se na realidade das pessoas.

Gênero é um elemento organizador da sociedade e cultura e, nessa direção, a abordagem das questões de gênero nas escolas é fundamental tanto para promover uma cultura de respeito às diferenças e aos direitos humanos, quanto para fomentar uma pedagogia que ensine, entre outras coisas, que as diferenças de sexo não podem ser materializadas em desigualdades de direitos e de acesso (FÉLIX, 2015, p. 225).

No 1º Encontro com os acadêmicos houve a socialização do livro: *O poder do Macho* de Heleieth Saffioti (1987) com abordagens sobre os papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de gênero; supremacia masculina; dominação da mulher pelo homem; e as lutas das mulheres. Neste sentido, Saffioti (1987, p. 7) sugere “a todos os jovens –moças e rapazes- um novo caminho, conducente a uma sociedade menos injusta, menos iníqua, menos castradora”.

O 2º Encontro proporcionou aos acadêmicos debates com a temática de gênero e sexualidade a partir da obra *Gênero, sexualidade e Educação* de Guacira Lopes Louro (2014). Aqui a autora destaca a escola e seu papel na formação dos educandos. Objetivou-se problematizar como a instituição pensa essas questões, em seu currículo.

A escola continua reproduzindo os lugares pensados para homens e para mulheres, de acordo com (LOURO, 2014, p. 62) “esta instituição delimita espaços – servindo-se de símbolos e códigos – ela afirma o que cada um pode (ou não pode fazer),

ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ de pequenos e grandes, dos meninos e das meninas”. Continua sendo a escola um lugar de re-produção de papéis e ainda que sejam escolarizados os sujeitos, a escolarização nem sempre contribui com o rompimento das assimetrias relacionadas ao gênero (FIUZA, 2013).

Propondo-se a discutir a temática “Lugares de gênero: educação e violência” o 3º encontro caracterizou-se pela exibição de dois curtas “Majorité opprimée” (maioria oprimida)<sup>2</sup> na qual apresenta um dia de um homem que sofre sexismo diariamente, em um mundo dominado pelas mulheres e “Acorda, Raimundo, Acorda”<sup>3</sup> abordando as relações de gênero no Brasil em uma situação inversa sofridas pelas mulheres.

FIGURA 2 – Ciclo de formação em Educação, Gênero e Meio Ambiente. Campus Bragança, setembro de 2016. Fonte: Arquivo pessoal.

**CINE DEBATE**  
UFPA

**Tema**  
*Lugares de gênero:  
educação  
e violência*

*Projeto: Relações de gênero : diálogos com  
os jovens*

*Venham participar, partilhar vivências e experiências.*

**Exibição dos curtas:**  
*Majorité Opprimée (Maioria Oprimida)*  
O filme narra um dia na vida de um homem que sofre de sexismo diariamente em um mundo dominado por mulheres.

*Acorda, Raimundo...Acorda*  
Aborda as relações de gênero no Brasil numa situação inversa, reproduz a relação machista comum entre as famílias de trabalhadores brasileiros.

**Debatedores:**  
Norma Cristina  
Edileusa Pena e  
José Dias

Campus Universitário de Bragança  
Data: 14/09/2016  
Sala de videoconferência Apoio:  
ÀS 18:00h

PROEX

Os curtas apresentam situações vistas de forma inversa, são os homens que sofrem violências, são assediados e estão responsáveis pelos filhos e pelo lar. Trazem reflexões a cerca da dominação, supremacia, relações de poder entre homens e mulheres presentes nas famílias em geral.

Para Kartz (2017) o uso do cinema como recurso didático deve estar presente nas aulas do/das professores/as, considerado, também, como metodologia de

<sup>2</sup> Curta de Eléonore Pourriat (2010). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4qw8kkcFuuE>. Acesso em: 10/09/2016

<sup>3</sup> Curta de Alfredo Alves (1990). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmFvs5p8ZOo&feature=youtu.be>. Acesso em: 10/09/2016

aprendizagem. De acordo com Fabris (2008, p. 121) “quando nós, pesquisadoras e pesquisadores da educação, escolhemos o cinema como campo para nossas investigações, rompe-se a primeira fronteira, aquela que separa a comunicação e a educação”. Isto porque o cinema, enquanto instrumento metodológico possibilita a compreensão das ideias sistematicamente pensadas para o ensino-aprendizagem e suscita o debate, especialmente de temáticas estruturantes e naturalizadas socialmente.

## DA EXTENSÃO À PESQUISA: A REPRESENTATIVIDADE DOS LUGARES SOCIAIS DOS ALUNOS E DAS ALUNAS DA EJA

As discussões sobre gênero na educação é, portanto, um desafio que nos é caro, porém necessário, sobretudo, na educação de jovens. Essas questões podem, de acordo com a concepção da gestão e dos professores e das professoras, serem engendradas dentro do contexto da sala de aula ou até banalizadas por estes sujeitos (FIUZA, 2013). Percebe-se, em nossa sociedade, a banalização das discussões de gênero de modo a pensar que tal discussão objetiva transformar meninos em meninas, e ainda discursos regados de ódio e opressão contra os que priorizam estes debates.

A escola possui um papel fundamental na formação de seus sujeitos e precisa possibilitar o entendimento sobre o tema pesquisado, de modo a promover uma educação libertadora e transformadora (FREIRE, 1998) em todos os aspectos.

A pesquisa com os/as jovens e os/as adultos revelou que 60% dos entrevistados/as relataram que durante sua escolarização nunca perceberam a escola tratar de temáticas relacionadas ao gênero, sexualidade, violência contra a mulher, homofobia e 30% responderam que participaram de palestras que tratava sobre violência contra a mulher, especialmente na disciplina de história. 10% optaram em não responder.

Para Louro (2014) a escola é responsável pela inserção do debate sobre gênero e sexualidade no currículo. Fiuza (2013, p. 47) destaca que os debates de gênero “são importantes para reforçar a contínua luta por direitos e igualdade social que as mulheres buscam ao longo dos anos”, uma das alunas entrevistadas relatou que já foi vítima de violência. Segundo ela: *Uma vez um homem tentou tocar nos meus seios* (aluna, 16 anos). Essa narrativa, tal como outras apresentadas na pesquisa, demonstra que se faz necessário que a escola realize debates sobre gênero de forma contínua, contextualizada e planejada.

A pesquisa revela uma visão naturalizada pelos alunos e pelas alunas sobre as questões e conceitos relacionados ao termo gênero, possivelmente influenciados pelo conjunto de instituições sociais na qual estão inseridos. Discursos essencializados, sobre a identidade de homens e de mulheres que reforçam lugares constituídos de gênero em nossa sociedade. Para eles, como para elas ser homem é:

*É ser uma pessoa que tem o gênero masculino e faz coisas de homem.* (aluna, 19 anos)

*É ter uma postura mais forte na sociedade.* (aluno, 22 anos)

*Quer mostrar seu valor em todo que faz.* (aluna, 16 anos)

*Homem é um ser mais aberto e anda sem camisa.* (aluno, 15 anos)

*É ter aparências de homem como eu sou.* (aluno, 25 anos)

*Ter responsabilidade com a família, botar comida para dentro de casa, pagar as dívidas da família.* (aluna, 20 anos)

*Ter respeito, isso é ser homem.* (aluno, 22 anos)

Ser mulher é:

*É se comportar como uma mulher.* (aluno 18 anos)

*Ter responsabilidade dentro de casa tipo: Fazer comida, arrumar a casa e deixar tudo pronto antes de sair, isso é ser mulher.* (aluno 21 anos)

*É ter de querer os homens dizendo como você deve se sentir, vestir e agir.* (aluna 22 anos)

*Certo que a mulher tem que dar aquela ajuda ao marido, mas também o homem pode ajudar a sua mulher.* (aluna 23 anos)

Percebe-se aqui uma visão naturalizada dos lugares de gênero. A domesticidade e o cuidar estão presentes nas narrativas como obrigações da mulher. Aos homens são atribuídas as condições de provedores da família, com performance de força, de respeito. Nota-se o discurso de poder e de submissão apresentado entre os/as alunos/as entrevistados/as. Ao homem é dada a responsabilidade de *ter uma postura mais forte na sociedade* (aluno 21 anos) considerando sua masculinidade como passaporte para exercer determinado poder sobre a mulher. *O sujeito feminino é um ser dependente* (aluno, 17 anos), “destituído de liberdade para pensar, querer, sentir e agir autonomamente” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 4). Para uma das alunas entrevistadas, ser mulher “*é ter os homens dizendo como você deve se sentir, vestir e agir*” (aluna, 22 anos), aqui os lugares representativos culturalmente de homens e de mulheres estão visivelmente estabelecidos por relações assimétricas.

A performance de gênero é controlada socialmente e essencializada por grande

parte das pessoas de diferentes idades, porque se aprende desde cedo o lugar que cada gênero ocupa. Sobre isto, Vieira; Siqueira; Di Paolo (2014, p. 18) em pesquisa sobre relações de gênero, realizada na zona costeira de Bragança, Pará contribuem enfatizando que “as gerações também são formadas no emaranhado das determinações de gênero”.

Como podemos ainda observar nos discursos dos alunos e das alunas da EJA:

*Ser homem é ter responsabilidade dentro de casa, botar comida pra dentro de casa, pagar as dívidas das famílias ter respeito isso é ser homem.*

*Ser mulher é ter responsabilidade dentro de casa tipo: fazer comida, arrumar a casa, deixar tudo pronto antes de sair, isso é ser mulher.*

As falas apresentam uma representação da divisão sexual do trabalho, ou seja, o homem na condição de provedor e a mulher responsável pelas tarefas do lar “tona-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico à mulher” (SAFFIOTI, 1987, p. 9). Nesta divisão, quem terá maior poder de mando? Será que o poder de decisão é equitativo? O que ele faz tem o mesmo valor social do que ela faz?

Percebe-se a visão secular sobre o que é *ser homem*, o que é *ser mulher*, que atravessa gerações, ainda de acordo com a autora os papéis desempenhados pelas mulheres dentro do lar não são tidos como trabalho, mas de responsabilidade natural, obrigação. Da mesma forma como a condição de provedor da família é imposta culturalmente ao homem. Para uma das alunas entrevistadas, *é certo que a mulher tem que dar aquela ajuda ao marido, mas também o homem pode ajudar a sua mulher.*

Aos diferentes gêneros são atribuídas características físicas, comportamentais e psicológicas, estamos fadados ao enquadramento social que não nos permite sair da linha que fora pensada para cada um dos gêneros, *homem anda sem camisa... “mulheres são mais frágeis”*. Estes discursos evidenciam a notável importância que é dada aos papéis atribuídos para homens e para mulheres, apresentados de forma hierárquica, com desigualdade entre os gêneros (VIEIRA et al., 2013). Fiuza (2003, p. 49) salienta que “há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, mostrar o corpo e amar”. Sair deste padrão imposto deixa o indivíduo, em boa medida, excluído socialmente, porque a fluidez e o trânsito nos lugares e nas performances de gênero ainda são pouco toleráveis em muitas sociedades.

Embora perceba-se a presença de discursos que enfatizam a hierarquia, observa-se

também que os sujeitos, sobretudo, as mulheres da EJA buscam, na escola, um mundo com maior equidade de gênero *É querer ter direitos iguais e não ser criticada* (aluna, 23 anos) e visualizam um futuro de conquista, na qual elas possam ser valorizadas e independentes, pois *ser mulher é também ser gênero forte, guerreira, lutamos pelos nossos objetivos* (aluna, 18 anos).

Embora políticas públicas estejam sendo pensadas em defesa das mulheres, destacam-se as delegacias especializadas ao atendimento de mulheres violentadas, a Lei n. 11.340/2006 – Lei Maria da Penha, ainda são inúmeros os casos diários de violência contra as mulheres. De acordo com o Waiselfisz (2015, p. 270).

Com sua taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, o Brasil, num grupo de 83 países com dados homogêneos, fornecidos pela Organização Mundial da Saúde, ocupa uma pouco recomendável 5ª posição, evidenciando que os índices locais excedem, em muito, os encontrados na maior parte dos países do mundo.

A posição do Brasil em relação aos índices de feminicídios evidencia que debater sobre violência de gênero, violência contra a mulher, dentro e fora da escola torna-se necessário, além das políticas públicas de combate à violência.

Percebemos que apesar de termos avançado no sentido de políticas públicas, nos estudos teóricos de gênero, nas lutas do movimento feminista, continua presente e enraizada a ideia de mulher como objeto, inferior e com uma multiplicidade de atividades dentro e fora de casa que, muitas vezes, impossibilitam delas avançarem nas suas profissões, na sua escolarização e no mercado de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os/ as alunos/as universitários não tenham sido o foco principal da pesquisa, o I Ciclo de formação em Educação, Gênero e Meio Ambiente evidenciam que esse debate ainda restringe-se a um grupo específico ou a poucos cursos, sobretudo nos cursos de Humanas.

Reconhecemos que os diálogos sobre questões de gênero precisam se fazer presentes com mais frequência e, sobretudo, aberto para todos e para todas, no sentido político de desconstrução dos lugares e papéis de homens e de mulheres, em uma perspectiva interseccional do debate.

Tornam-se necessárias discussões nas escolas, locais cujas questões

estruturantes de gênero são de certo modo, invisíveis e naturalizadas. As questões de gênero precisam ser materializadas nos currículos da educação básica, não em uma única disciplina, mas de forma contínua e interdisciplinar.

Falar em relações de gênero na escola é tomar um posicionamento, é romper o paradigma da hierarquia do poder que se apresenta nos instrumentos legais e didáticos, além dos discursos carregados de ideologias biologizadas e essencializados como argumento para justificar as assimetrias e desigualdades que estruturam as relações de homens e mulheres.

Por ser uma categoria política, o debate de gênero se fundamenta como dito, na perspectiva da desconstrução cultural, da desigualdade constituída nas diferentes relações sociais (de gênero, geracionais, raciais, sexuais, étnicas, de classe).

Cabe enfatizar o debate das relações de gênero nas formações de professores, preparando-os/as para atender a diversidade, a cultura, o respeito ao outro na sua diferença, seja qual for o nível e modalidade de ensino.

A educação de Jovens e Adultos tem um traço marcado por histórias de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagens muito específicos. São pessoas que vivem no mundo do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos.

Os alunos e as alunas esperam da EJA muito mais que aprender a ler e a escrever, apostam nos estudos como uma chance, uma oportunidade para um futuro melhor, uma expectativa de vida, já que não tiveram oportunidade de ingressar na escola na idade certa. Essas expectativas se diferenciam e se especificam para mulheres e para homens, nas suas diferenças e visões de mundo. É preciso um olhar atento das políticas públicas educacionais no sentido de tornar simétrico o discurso, as oportunidades, os lugares constituídos de gênero.

Ao escolherem o caminho da escola, os jovens e os adultos optam por uma via propícia para promover seu desenvolvimento pessoal. Trata-se de uma decisão que envolve maternidade, relações, perspectivas, trabalho, muitas vezes, trata-se de processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola para esse grupo é antes de tudo um desafio, um projeto de vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. **Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL Lei Maria da Penha. **Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006.**

COVOLAN, Nadia T.; OLIVEIRA, Daniel Canavence de (orgs). Educação e Diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões. Rio de Janeiro: Autografia, 2015.

ESCOURA, Michele. **Relações de Gênero na EJA – Caderno de Formação.** São Paulo: Ação Educativa e Fundação Vale: 21-41, 2014. Disponível em: [http://www.viveraprender.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Compila%C3%A7%C3%A3o-Vers%C3%A3o-Vale\\_SITE-1](http://www.viveraprender.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Compila%C3%A7%C3%A3o-Vers%C3%A3o-Vale_SITE-1). Acesso em: 23 fev. 2018.

FABRIS, E.H. **Cinema e educação: um caminho metodológico.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008.

FÉLIX, Jeane. **Gênero e formação docente: reflexões de uma professora.** Espaço do currículo, v.8, n. 2, p. 223-231, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.223231/13923>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FIUZA, Adriane dos Santos. **Gênero na Educação de Jovens e Adultos, um desafio para a gestão escolar.** Monografia (especialização Rio Grande do Sul. 2003. <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2015.v8n2.223231/13923>[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1011/Fiuza\\_Adriane\\_dos\\_Santos.pdf?squence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1011/Fiuza_Adriane_dos_Santos.pdf?squence=1). Acesso em: 31 jan.2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa. v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

KATZ Elvis P; SANTOS Keli A; MUTZ Andresa S. C. **O professor “subversivo” nas lentes do cinema: uma análise a partir dos estudos culturais.** Momento: diálogos em educação, v. 26, n. 2, p. 108-128, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6700/4992> . Acesso em: 15 mar. 2018.

LOURO, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NARVAZ, Martha G.; SANT’ANNA, Sita Maria L.; TESSELER, Fani A. **Gênero e Educação de Jovens e Adultos: a histórica exclusão das mulheres do saber-poder.** 2013. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/917/905>. Acesso em: 26 fev. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987. (coleção polêmica).

SANTOS, Cecília. M.; IZUMINO, Wânia P. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil.** E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe, 16. 2005. Disponível em: <http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2018.

SILVA, Amanda D. **Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vjtsp/pdf/silva-9788579837036.pdf>. Acesso em: 23 de fev. 2018.

TRENTIN, Valéria B. **Educação de jovens e adultos e a educação especial nas pesquisas: Uma articulação necessária**. Venezuela, 2017. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n35/a17v38n35p13.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.

VIEIRA, Norma; SIQUEIRA, Deis; DI PAOLO, Darcy. **“O que é de mulher e o que é de homem”**: Relações de gênero na pesca artesanal, comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. *Raízes*, 34, (1): 8-23, 2014.

VIEIRA, Norma; SIQUEIRA, Deis; EVER, Marcela; GOMES, Maria. **Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico**. *Amazôn.*, *Rev. Antropol. (Online)* 5 (3) Especial: 788-817, 2013.

WASELFISZ, Júlio J. **Mapa da Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG  
CAMPUS CARREIROS  
CEP 96203 900  
editora@furg.br